

16 Dias de Ativismo pelo fim da Violência

Por 6º A da EBI Arrifes

Contra as Mulheres

A violência contra a mulher aos meus olhos

Crianças entre os 11 e os 13 anos da turma do 6ºA ano da Escola Básica e Integrada de Arrifes, fizeram uma reflexão sobre a campanha pelo Fim da Violência Contra Mulheres e Raparigas, na disciplina de Cidadania. Os testemunhos personalizam para estas crianças a definição de violência doméstica e como se deveria agir.

O que é a violência contra a mulher?

A violência contra a mulher está muito presente e consiste na agressão física ou verbal contra a mulher. Esta violência pode provocar a tristeza depressão, medo de sair de casa ou de falar com os outros.

Violência contra a mulher é também no abuso sexual, no bater, fisicamente, e com as palavras.

A violência contra a mulher é quando um homem ameaça, bate, fala mal da mulher, abusa sexualmente, podendo resultar em lesões graves ou até mesmo em morte. A violência pode ser feita em público ou em privado (geralmente é feita em casa).

A violência contra as mulheres é um ato que resulta em morte ou lesão física, sexual ou psicológica nas mulheres.

A violência contra a mulher é qualquer ato ou comportamento que cause dano físico, psicológico, sexual ou moral a uma mulher. O agressor pode ser um homem ou mulher e com quem a mulher tem uma relação amorosa.

O que fazer para terminar a violência contra a mulher?

Ensinar as novas gerações que se deve respeitar as mulheres, condenar as pessoas que não o façam. Ter associações que apoiem a violência contra a mu-

lher e fomentar o respeito na sociedade.

A mulher pode contactar a polícia ou outra instituição e afastar-se do homem ou mulher que pratica violência sobre ela.

Para terminar com a violência contra a mulher, é essencial adotar um conjunto de ações em diferentes níveis-individuais, social, cultural e institucional, tais como a educação e conscientização; fortalecimento da legislação; apoio às vítimas; empoderamento das Mulheres; mudança Cultural; apoio Psicológico de Saúde; ações Governamentais e Policiais.

Contactar alguém que nos possa ajudar. Sentir-se apoiada.



André Silveira

Oposição Precisa-se

O PS Açores, depois de um quarto de século como força política dominante e quase omnipresente na sociedade açoriana, encontra-se numa travessia desafiadora enquanto projeto de poder e governação. Nada mais natural, dadas as circunstâncias. Afinal, ciclos de poder prolongados tendem a ser seguidos por crises de identidade.

Quando perdeu o governo regional em 2020, o PS Açores revelou que não havia preparado um plano de transição ou renovação interna para este novo papel. O exemplo do PSD Açores, cuja travessia da oposição demorou 25 anos – trazendo de volta figuras que já ocupavam cargos no século passado –, é um alerta claro de que rupturas com o passado são fundamentais, e o são porque num mundo onde a aceleração das transformações sociais é evidente, os partidos têm de se manter em constante renovação e inquietação na atenção aos problemas. Nada disso existe nos Açores.

Em vez de aproveitar esta oportunidade para se reorganizar, investir em lideranças locais e revitalizar o seu discurso político, o PS parece ter estagnado. A dificuldade em encontrar um candidato forte para a Câmara Municipal de Ponta Delgada – um eterno bastião do PSD – reflete essa paralisia, como apontarem candidatos já várias vezes derrotados no passado a importantes câmaras dos Açores, demonstram uma crise grave de quadros.

O partido enfrenta um evidente dilema geracional. De um lado, figuras antigas que ainda controlam as estruturas internas; do outro, uma nova geração que tenta emergir, mas sem o apoio ou espaço necessários para crescer. Esse desequilíbrio é particularmente visível em Ponta Delgada, onde o PS deveria ter preparado uma candidatura sólida há meses, mas continua sem nome a apresentar aos eleitores.

Francisco César enfrenta o desafio de provar que não é apenas o herdeiro de uma dinastia política, mas sim alguém capaz de atrair quadros competentes e renovar o partido. Poucos estarão tão preparados como ele para essa tarefa, também pela sua relevância a nível nacional e proximidade ao atual líder do PS nacional. No entanto, até agora, esta renovação tem tardado. Em vez de mostrar uma visão de futuro, o

partido continua preso aos mesmos nomes de sempre, alimentando receios de que as escolhas para Ponta Delgada, Ribeira Grande e Angra do Heroísmo sejam “mais do mesmo” – uma oportunidade perdida de demonstrar mudança.

A renovação não é apenas uma questão de mudar rostos; é também uma questão de adaptar o discurso às preocupações dos cidadãos. Neste momento, o PS Açores parece atrasado face às prioridades dos açorianos, demasiado centrado nas suas questões internas.

Ainda mais preocupante é a ausência de propostas concretas para dossiês cruciais, como a reestruturação da SATA, o equilíbrio das contas públicas regionais ou as sucessivas falhas na saúde, particularmente no processo da reabilitação do HDES. O PS Açores deveria não se limitar apenas a criticar, mas propor soluções claras e diferenciadas para corrigir os erros do governo da coligação, subscritas também por novas caras com capacidade e valor, que permitam posicionar o partido como potencial alternativa.

O maior problema, contudo, é a incapacidade do PS Açores de cumprir o seu papel essencial como oposição. Ao perder-se em disputas internas e falta de rumo claro, o partido tem permitido que o PSD e os seus aliados governem quase sem contestação. Esta ausência cria um vazio no debate democrático, com consequências negativas para a região.

Uma oposição funcional não é apenas um adversário do governo; é uma força que questiona, propõe alternativas e mantém o poder em cheque. O PS Açores, enquanto principal força de oposição, deveria liderar esse esforço. No entanto, parece ausente nas grandes discussões que interessam aos açorianos.

Se o PS não assumir as suas responsabilidades como oposição, não só continuará a perder relevância eleitoral, como também falhará no seu papel democrático essencial: oferecer uma alternativa sólida para o futuro dos Açores, e bem que precisam os Açores.